

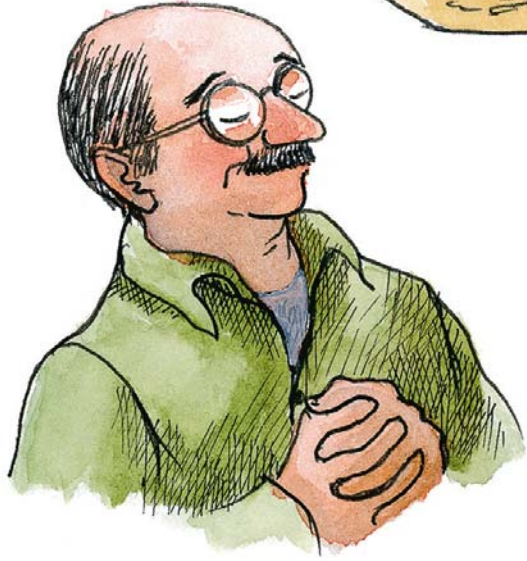
ÁLVARO MAGALHÃES

O SENHOR PINA

desenhos de

LUIZ DAROCHA

ASSÍRIO & ALVIM



O senhor Pina?

O senhor Pina queria escrever uma história para a Ana e para a Sara, que fosse diferente e tão divertida que pusesse as palavras na brincadeira. E, já agora, que não fizesse muito sentido, ou que fizesse sentido de outra maneira.

Era terça-feira, que não era o melhor dia para começar esse género de história, talvez de escrever poesia, mas nunca se sabia. Por isso, ele espreitou para a rua pela janela do escritório e viu um rapazinho a fazer o pino no meio da relva do jardim. Depois, veio outro e fez o mesmo e a seguir um terceiro, que também tentou, mas desequilibrou-se e caiu no meio de um canteiro.

O senhor Pina pôs-se então a pensar num país onde as pessoas andassem todas de pernas para o ar. Era, talvez, uma boa ideia para a tal história, apesar de ser uma terça-feira. Como pensaria uma pessoa de pernas para o ar? Não o mesmo que pensaria se estivesse de pernas para baixo. Com toda a gente a pensar como toda a gente, ninguém pensava nada diferente.

O senhor Pina fez então o pino (ah sim, ele fazia o pino na perfeição) e as moedas dos bolsos das calças caíram e rolaram pelo chão. Estava visto: num país assim, os bolsos das calças, e as próprias calças, teriam de ser também ao contrário. Mas outras coisas corriam Bastante Bem. Pensar com as pernas para o ar, reparou o senhor Pina, era uma grande maneira de pensar. Dizia ele, para ninguém, só para mais tarde se lembrar (com as mãos a fazer de pernas, não podia apontar):



**Que bom é pensar em outras coisas
e olhar para as coisas noutra posição.
As coisas sérias que cómicas que são
com o céu para baixo e para cima o chão.**

Estava ele naquilo, com o céu para baixo e para cima o chão, quando entrou no escritório uma senhora com um livro na mão. Era amiga de uma amiga que tinha um primo que namorava com uma rapariga que ia fazer anos e gostava muitos dos livros do senhor Pina. E o que estava ela ali a fazer? Bem, tinha telefonado antes, a perguntar se podia passar por lá com um livro e colher uma dedicatória. O senhor Pina disse que sim, que havia de dizer?, nem sequer sabia dizer que não. E agora, ali estava a senhora, com o livro na mão.

«O senhor Pina?», perguntou ela, muito espantada.

«Pino sim, minha senhora», respondeu o senhor Pina. «Ao princípio, não conseguia, caía constantemente, mas agora faço o pino lindamente.»

«Estou a ver», disse ela, a pensar no que havia de fazer. Queria estender a mão para cumprimentar o senhor Pina, mas diante dela só estavam os pés dele. Não podia apertar-lhe um pé e dizer «Muito prazer em o conhecer». Nesse caso, aliás, o correto seria dizer «Muito pézer».

«Tudo bem, aí em cima?», perguntou o senhor Pina.

«Mais ou menos», respondeu ela. «E aí em baixo?»

«Também mais ou menos. Mas o que a trouxe aqui?»

«Sou aquela pessoa que telefonou a saber se me podia fazer uma dedicatória neste livro. Só que não sei como lho entregar. Ando tão mal das costas, duvido que consiga fazer o pino.»

«Não há problema», disse o senhor Pina, a pôr-se direito. Num instante, ficou de cabeça para cima. Nem uma placa giratória!

«Está a ver?», disse ele, então. «Tanto faço o pino, como faço o Pina. E para quem é a dedicatória?»